

## O FILHO INDESEJADO: O ABORTO NA GRÉCIA ANTIGA

Lydie Bodiou\*

**RESUMO:** As mulheres gregas da época clássica eram vistas somente em função de seu ventre, de suas capacidades para gerar, para dar à luz crianças aos homens. Reproduzir é um dever, o único papel social possível para elas no seio da cidade. Mas este filho, que vem como a primavera, é freqüentemente indesejado. Então, os médicos e biólogos dos séc. V e IV a.C., que tratavam de doenças femininas, conhecem e fazem uso de métodos contraceptivos e abortivos, por vezes curiosos, e muitas vezes perigosos, para “fazer passar” esta criança que não se quer. Uma panóplia de receitas que se sustenta amplamente num empirismo, mas que exprime também os começos de uma técnica fundamentada e racional: o que exprime também os começos de uma técnica fundamentada e racional: o pensamento médico torna-se científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antigüidade, Grécia, Mulher, Medicina, Aborto, Contracepção.

Todas as sociedades conheceram dificuldades e engendra-ram modos de vida ou técnicas próprias para evitar o excesso populacional. Se hoje o parto é uma experiência, na Grécia clássica era um estado. As mulheres não podiam se furtar ao dever da reprodução. O caráter sem dúvida repetitivo dos nascimentos, a dureza das condições de existência, a velhice prematura das mulheres jovens, a chegada da morte são todas explicações para as manifestações de rejeição ao filho: o filho que se arrisca ter, que se espera, que se coloca no mundo. Este filho pertence, pois, à banalidade do inumerável.

Os escritos dos médicos hipocráticos<sup>1</sup>, os trabalhos biológicos de Aristóteles<sup>2</sup>, bem como as *Doenças das mulheres* de Soranos de Êfeso<sup>3</sup>, tratam das mulheres, sobretudo de suas doenças. Interessando-se pela anatomia, pela fisiologia ou pela patologia, estes médicos vão trazer esclarecimentos para estas mulheres que se tornam mães. Os textos ginecológicos e biológicos dos séculos V e IV a.C. são únicos e excepcionais. Únicos porque foram escritos por homens, porque contêm informações privilegia-das obtidas exclusivamente junto a mulheres e excepcionais porque mostram alguns detalhes da vida íntima das mulheres. Estas fontes “científicas” são, para o historiador, uma forma direta de apreender o feminino, por meio da linguagem do corpo.

Os médicos precisaram responder ao dilema dos casais gregos: ter filhos, mas não em excesso. Essa vontade de limitar os nascimentos dá lugar a manobras por vezes bastante inventivas, mas freqüentemente brutais e arriscadas.

### *Aborto como técnica contraceptiva*

Uma confusão evidente parece reinar na Antigüidade entre contracepção e aborto. A semelhança dos produtos empregados nos dois casos favorece esta confusão, a qual os moralistas sustentam, sem dúvida intencionalmente. De fato, as pessoas instruídas e de mente aberta, particularmente os médicos, diferenciam muito bem a contracepção do aborto. Em particular Soranos de Êfeso:

*Um produto contraceptivo difere de um abortivo. O primeiro impede a concepção, o segundo destrói o que já foi concebido. Diferenciamos então na linguagem o que ‘destrói’ do que é ‘anticoncepcional’; quanto aos ‘expulsivos’, alguns pensam que seu nome é sinônimo de ‘destruidores’, outros os distinguem dos abortivos,*

\* Maitre de conférence em histoire grecque. Université de POITIERS. Sciences Humaines. Département d’histoire. E-mail: lydie.bodiou@wanadoo.br

<sup>1</sup> Este artigo relata um trabalho de pesquisa levado a cabo a partir dos tratados hipocráticos ginecológicos e embriológicos (*Doenças de mulheres I e II, Mulheres estéreis, Natureza da mulher, Superfetação*, traduções francesas E. Littré, 1839-1861) e *Doenças IV, Geração, Natureza da criança, Do feto de 8 meses*, traduções francesas de R. Joly, Belles Lettres, 1970. No prelo: BODIOU, Lydie. *Le sang des femmes grecques d’après les écrits biologiques et médicaux*. Presses universitaires de Rennes.

<sup>2</sup> Os escritos biológicos de Aristóteles, *História dos Animais I, II, III, Geração de animais, Partes dos animais e Pequenos tratados de história natural*, traduções de Pierre Luis, Belles Lettres, 1968.

<sup>3</sup> Soranos de Êfeso, *Doenças de mulheres*, traduções francesas de D. Gourevitch, Y. Malinas, P. Bruguière, Belles Lettres, 1986. Médico grego da época romana imperial, certamente tardio, mas atenua as faltas, servindo de comparação, ou até mesmo de contra-ponto.

*naquilo que não se compreende como drogas, mas por exemplo como movimentos violentos e pulos; é por esse motivo, dizem, que Hipócrates, depois de ter proscrito os abortivos, indica, em seu livro 'Natureza da criança', o*

*emprego do pulo com golpes de calcanhar nas nádegas para provocar a expulsão. Ora, aí se criou um debate: alguns rejeitam os abortivos tomando o testemunho de Hipócrates que diz 'jamais darei um abortivo a mulher alguma'. Também porque a característica própria da medicina é proteger e salvaguardar aquilo a que a natureza dá vida. Outros introduzem uma distinção no assunto, recusando realizar o aborto quando uma mulher quer fazer desaparecer o feto resultante de um adultério ou quer preservar sua beleza; autorizam no entanto quando visa a eliminar um perigo que paira sobre o parto: por ter um útero demasiadamente pequeno, não podendo suportar a conclusão da gravidez; ou porque a gravidez acarreta ao orifício indurações e fistulas; ou ainda pelas ameaças colocadas por uma situação deste tipo. Dizem o mesmo a respeito dos contraceptivos, o que nós endossamos.*<sup>4</sup>

Mas as advertências não são assim tão claras. Observando de perto, começemos pelo texto mais conhecido de todo o corpus hipocráticos concernente ao aborto, o conhecido *Juramento*. O juramento dito de Hipócrates é tradicionalmente interpretado como uma condenação às práticas abortivas categórica e sem apelação: "Eu não administrarei um medicamento mortal em ninguém, nem com seu pedido, nem tampouco darei conselhos neste sentido; do mesmo modo, não darei a mulher alguma um pessário abortivo".

Mas, nessas condições, o que pensar da farmacopéia abortiva dos tratados hipocráticos? E, sobretudo, como explicar a descrição do aborto da dançarina, praticada pelo próprio médico e relatado por ele em discurso detalhado em que ele expõe os motivos de sua intervenção, seu método e o resultado.

*Na casa de uma mulher que eu conhecia, encontrava-se uma dançarina muito bem cotada que mantinha relações com os homens e que não deveria engravidar para não baixar seu preço. Certo dia, ela apercebeu-se de que sua semente não saía; ela contou a sua senhora e os boatos chegaram até mim. Em posse destas informações, lhe ordenei que pulasse de maneira que os calcanhares tocassem nas nádegas. Ela tinha pulado, então, sete vezes, quando a semente caiu no chão fazendo barulho.*<sup>5</sup>

Os comentários desta passagem foram e continuam sendo numerosos<sup>6</sup>. No entanto, a passagem é clara e sem ambigüidade: o motivo não tem nada de terapêutico, já que a cortesã não pode perder seu valor. O médico hipocrático não dissimula de forma alguma que está informado do real motivo. Ora, ele não hesita em prescrever uma manobra, que, aliás, se revela perfeitamente eficaz. De fato, o juramento não é nem claro, nem tampouco preciso (deliberadamente?). Após ter proibido o uso de venenos, ele afirma: "Do mesmo modo, não darei a mulher alguma um tampão abortivo (pessão phthorion)". Se nos fixarmos rigorosamente no texto, a proibição visaria então exclusivamente aos tampões, e inocentaria os pulsos da cortesã. Como prova suplementar, temos a centena de receitas de pessários abortivos dos tratados ginecológicos. Sem dúvida, é preciso encontrar as razões desta proibição sublinhando os perigos dos procedimentos abortivos. De fato, as substâncias tóxicas usadas para provocar a expulsão do embrião causam com freqüência a sua morte no útero. Daí então, em primeiro lugar, os perigos de infecções uterinas subseqüentes à morte do feto. Esta toxicidade era igualmente nociva para a própria mãe. Além disso, as condições duvidosas de assepsia do pessário e sua introdução constituíam um fator adicional aos perigos representados. Sem sombra de dúvida, pode-se ver nestes perigos a razão fundamental da fórmula empregada para o *Juramento*.

Por outro lado, pode-se dizer com legitimidade que, se o *Juramento* proíbe o uso de pessários abortivos, ele não proíbe de forma alguma outros meios ou práticas abortivas<sup>7</sup>. Trata-se mais de uma proibição de prescrição destes abortivos que de uma proibição das práticas em si. Mas talvez seja necessário buscar provas suplementares no vocabulário. Entendemos hoje a noção de aborto como a entendiam os médicos hipocráticos?

<sup>4</sup> Soranos, 1.20.

<sup>5</sup> *Natureza da criança*, 13 (L. VII, 490, p. 4-492, 13).

<sup>6</sup> Um dos melhores estudos sobre a questão é: NARDI, Enzo. *Procurato aborto nel mondo greco-romano*. A. Giuffrè Editore, Milão, 1971. Cf. CARRICK, P. *Medical ethics in Antiquity: philosophical perspectives on abortion and euthanasia*. Dordrecht, 1985. LAALE, H. "Aborto na Antigüidade grega: de Sólon a Aristóteles (II)." *Classical and modern literature*. 13.2, 1993, p. 191-210. MURRAY, J. S. "The alleged prohibition of abortion in the hippocratic oath.", *EMC*, XXXV, 10, 1991, p. 293-311.

<sup>7</sup> EDELSTEIN, L. "The hippocratic oath. Text, translation and interpretation", *Bull. Hist. Med.*, Baltimore, supl. 1, 1943. Edelstein traduz *pessos phthorios* por "*remédios abortivos*", o que é muito mais amplo do que o texto literal.

Parece-nos que os médicos adotaram uma distinção em relação à “animação” do embrião. O médico hipocrático fala de “efluxão” (*ekhruseis*) quando ocorre entre o primeiro e o sétimo dia<sup>8</sup>. Do mesmo modo, por outro lado, Aristóteles vê um efluxo, um corrimento (*ekhruseis*) durante os primeiros quarenta dias<sup>9</sup>. No espírito dos médicos, o termo embrião convém somente ao feto animado. Assim, quando o médico hipocrático define o aborto como a destruição do embrião, refere-se ele à interrupção da gravidez somente a partir de um certo estágio, antes do qual trata-se tão somente de expulsar uma semente? A destruição do embrião pode ocorrer somente no momento em que o embrião existe, isto é, a partir de sua animação. Baseado em seu *Juramento*, pode-se pensar que o médico hipocrático proíbe as manobras sobre um feto que se move. O feto da cortesã tinha seis dias; estava inserido então no quadro dos limites admitidos. Precisa-se notar, aliás, que o médico hipocrático não fala nem de embrião, nem tampouco de feto, mas de uma “semente de seis dias”. Pode-se então conferir a estes médicos gestos abortivos, os quais eles consideram, sem dúvida alguma, apenas como contraceptivos.

É nos termos empregados pelo médico hipocrático para designar seus preparos que se pode tentar encontrar aquilo que ele qualifica como aborto. O vocabulário permitirá compreender as diferentes atitudes. Com efeito, ele diz: “Para destruir e expulsar o feto que não se move”<sup>10</sup>. Aliás, ele aponta um preparado que convém “para provocar a menstruação e retirar o feto semi-formado”<sup>11</sup>. As expressões “*que não se move*” e “*semi-formado*” indicam claramente o limite que define o momento em que os médicos falam de aborto.

Se, para o médico antigo, não se fala de aborto antes de que o feto esteja completamente formado, por conseguinte, logicamente, antes deste limite tratam-se somente de manobras contraceptivas. Soranos as define como impedindo o desenvolvimento da concepção: “Os produtos contraceptivos e abortivos são duas coisas diferentes. Os produtos anticoncepcionais (*atokhia*) não possibilitam à concepção a oportunidade de se efetivar. O abortivo (*phthorion*) destrói aquilo que ela produziu”<sup>12</sup>. São *atokhia*, por oposição ao abortivo, que destrói. Sem dúvida, a confusão decorre do fato de que os médicos modernos entendem a contracepção somente segundo a sua própria definição, isto é, como medidas tomadas antes do ato sexual. Para o médico antigo, por outro lado, a concepção é considerada efetiva somente algumas semanas mais tarde; antes desta data, as manobras que visam a impedir a concepção são definidas como contraceptivas (não ensejando à concepção a possibilidade de se efetivar). A distinção entre o “antes” ou o “depois” do ato sexual não tem significação essencial aqui. O problema contraceptivo, para estes médicos, é tanto procurar expulsar a semente masculina antes que ela possa coagular com a semente feminina, quanto procurar colocar um obstáculo a sua penetração. O médico hipocrático<sup>13</sup>, aliás da mesma forma que Aristóteles<sup>14</sup>, definia a concepção como “*a coagulação*” das duas sementes. A junção das duas é necessária, pois “o corpo é provido pela fêmea e a *psyché* pelo macho”<sup>15</sup>.

A idéia predominante é então de impedir que a concepção se realize, interrompê-la antes da formação completa do feto. É nes-te ponto que está o momento inicial e decisivo. O médico hipocrático registra explicitamente quando distingue três estágios da conclusão de uma concepção. O primeiro é precisamente a formação do feto, que na seqüência se nutre e se desenvolve e por fim vem ao mundo: “Assim, as mulheres não devem se assustar, pois são necessárias muitas precauções e conhecimentos para levar o feto até o fim, nutri-lo no útero e trazê-lo ao mundo no parto”<sup>16</sup>. Não é na relação com o ato sexual que a concepção se define, mas sim na relação com o feto, o mesmo valendo para a contracepção. Partindo desta definição, parece mais lógico agir depois do ato. Todavia, os médicos mostram-se prudentes a respeito destas manobras. Eles não as condenam em nome de uma ética em consideração da vida do embrião, o que não ocorre;

<sup>8</sup> Do feto de 8 meses, 9.2 (L. VII, 448): “Os dias mais significativos são o primeiro e o sétimo (...); de fato, a maioria dos abortos ocorrem nestes dias, os quais são chamados de efluxão.”

<sup>9</sup> História dos Animais, 583a 25: “Mas, se o esperma permanece por sete dias, manifestamente ocorreu a concepção. Pois aquilo que chamamos de corrimento ocorre nesse período de 7 dias.” Soranos (3.47) define igualmente um efluxo como uma expulsão de semente nos dias que se seguem à relação sexual.

<sup>10</sup> Doenças de mulheres, 1.78 (L. VIII, 172-198): “Para destruir e expulsar o feto que não se mexe: alume, mirra, heléboro negro [planta medicinal empregada na Antigüidade contra a loucura]. Beber em vinho tinto.”

<sup>11</sup> Idem: “Para provocar a menstruação e retirar o feto semi-formado: 5 cantáridas, trébolos, grão de aipo, heléboro negro. Beber em vinho tinto.”

<sup>12</sup> Soranos, 1.60.

<sup>13</sup> Geração, 5 (L. VII, 478, 1-2): “Se a mulher não deve conceber, após a relação, quando ela quiser, ela faz cair a semente dos dois indivíduos”. Mulheres estérteis, 222 (L. VIII, 128-132): “... onde a semente do homem deve se coagular.”

<sup>14</sup> Geração de Animais, 739c: “Quando a secreção feminina, contida no útero, se coagula sob a influência da semente masculina.”

<sup>15</sup> Geração de Animais, 738b.”

<sup>16</sup> Doenças de mulheres, 1.25 (L. VIII, 68).

sempre assinalam, outrossim, os perigos que a mulher corre nesta ocasião. É em função destes riscos, e somente destes, que o médico hipocrático ou mesmo Soranos tentam colocar um limite restritivo a estas prescrições<sup>17</sup>. Se estão tentando preservar uma vida, é a da mulher, que significa um “ventre” que deve permanecer produtivo.

Não obstante, a posição do *Juramento*, bem como a *Da natureza do filho*, referem-se tão somente ao aborto provocado. Isso comprova, parece-nos, a idéia de que esta prática fosse bastante disseminada. As principais razões que o motivavam eram de diferentes ordens: estética, econômica, social, terapêutica... Assim, o aborto parecia desejável quando se queria conservar a beleza do corpo da mulher ou ainda garantir-lhe sua liberdade. É o caso das prostitutas, a fim de permitir que possam prosseguir sua profissão. Era igualmente necessário para esconder os frutos de um adultério ou incesto. Razões econômicas podiam justificá-lo, como a conservação das propriedades em seu estado indiviso ou ainda a adição de uma boca a mais para alimentar em famílias ou comunidades economicamente frágeis. Enfim, às vezes era necessário para a saúde da mulher, único caso em que pode se falar de um aborto terapêutico.

Existem poucos textos sobre esta questão. O princípio do aborto parece bastante aceito, uma vez que, quando for necessário para salvar a mãe, faz-se até mesmo a embriotomia. No entanto, esta operação é praticada sempre a fim de extrair do útero um feto morto ou supostamente “deficiente”. Os remédios abortivos aconselhados têm por objetivo expulsar o feto morto ou anormal. O autor hipocrático se apóia, então, sobre os relatos dos pacientes: “As mulheres confirmam que a maioria dos abortos ocorrem na primeira quarentena”<sup>18</sup>. E que, para o feto: “A maioria morre, pois, sendo pequenos demais, apresentam mudanças maiores que os outros e precisam suportar fora do útero o sofrimento de 40 dias”<sup>19</sup>. O primeiro e o sétimo dia são particularmente importantes. “Na maioria dos casos, os dias mais significativos são o primeiro e o sétimo, tanto para as doenças como para o feto; de fato, a maioria dos abortos ocorrem nestes dias”<sup>20</sup>. Mas, na verdade, nesta idade não se trata propriamente de um aborto, como o assinala prontamente o médico: “Isto não é denominado aborto, mas perda.” Quando este período dos quarenta primeiros dias tiver passado, “os outros dias, após a quarentena, são menos significativos; muitos, porém, são ainda críticos”<sup>21</sup>. Muitos casos de aborto ocorrerão neste período que se segue à quarentena, pois “são necessárias muitas precauções e conhecimentos para levar o feto até o fim, nutri-lo no útero e trazê-lo ao mundo no parto”<sup>22</sup>.

No entanto, pode-se tratar também de abortos espontâneos, aqueles que denominamos comumente como partos falsos. O médico menciona as causas de aborto. Acidentes: “Após uma contusão, tenha a mãe sido atingida no feto, tenha ela caído ou sofrido qualquer outra violência”<sup>23</sup>. Mas também: “Sangrar uma mulher grávida faz abortar”<sup>24</sup>. Outras afecções como febre ou diarreia causam aborto na mulher grávida<sup>25</sup>. A purgação, antes do quarto e depois do sétimo mês, pode também provocar aborto<sup>26</sup>. Até o clima pode-se levar em consideração. Por exemplo, se o inverno é austral, chuvoso e calmo, ou se, pelo contrário, a primavera é seca e boreal, nestes casos, as mulheres que devem dar à luz na primavera abortam pela menor causa<sup>27</sup>.

Pode-se observar que se constituem, geralmente, em constatações ou falsas constatações, em que o médico estabelece uma relação etiológica entre as condições de vida e o aborto. Não se trata de propor um tratamento, mas simplesmente de coibir, na medida do possível, as situações contra-indicadas. A razão mais evidente é que os médicos ignoram o que se produz. No entanto, eles crêem revelar alguns signos que precedem ao aborto espontâneo, como um ressecamento: “Uma mulher grávida, cujos mamilos tornam-se subitamente secos, aborta”<sup>28</sup>. Ou

---

<sup>17</sup> Pode-se pensar que o mesmo médico hipocrático repugnava praticar tais atos (riscos incorridos?) e deixava às parteiras, especialistas na matéria, o cuidado de efetuar os abortos. Tudo isto para criar uma imagem muito respeitável do médico, o que certamente não ocorria sem desgastes de sua imagem, devido à falta de anti-sépticos, de esterilizações e dos fracassos da prática médica.

<sup>18</sup> Do feto de 8 meses, 4.2 (L. VII, 442, 12-444, 4).

<sup>19</sup> Do feto de 8 meses, 2.1 (L. VII, 438, 3-11).

<sup>20</sup> Idem: 9.2 (L. VII, 448, 1-8).

<sup>21</sup> Idem: 9.2 (L. VII, 448, 1-8).

<sup>22</sup> Doenças de mulheres, 1.25 e 68 (L. VIII, 64-68 e 142-144).

<sup>23</sup> Geração, 10 e 30 (L. VII, 484 e 532).

<sup>24</sup> Aforismas, 5.31 (L. IV, 542).

<sup>25</sup> Aforismas, 5.55 (L. IV, 552) e 7.27 (L. IV, 584).

<sup>26</sup> Aforismas, 4.1 (L. IV, 502).

<sup>27</sup> Aforismas, 2.3 (L. IV, 49).

<sup>28</sup> Aforismas, 5.37 (L. IV, 544-545).

ainda uma prostração dos mesmos mamilos: “Se, numa mulher grávida de gêmeos, um dos mamilos resseca, ela aborta um de seus fetos”<sup>29</sup>. Mas, quando se aproxima o momento do aborto:

*A mulher vítima de aborto vê acontecer uma evacuação de líquido inicialmente aquoso, depois seroso ou sanguinolento, como água em que se embebeu um pedaço de carne; quando chega a fase conclusiva, é sangue puro que vem, e, finalmente, coágulos ou um fragmento de carne, amorfo ou com a forma esperada para a fase da gravidez. A maioria experimenta um peso doloroso da bacia, das ancas, da barriga, das virilhas, da cabeça, dos olhos e das articulações, ardências no estômago, um resfriamento geral, suores profusos, fraquezas, por vezes febre acompanhada de calafrios.*<sup>30</sup>

Os médicos hipocráticos com certeza tiveram a oportunidade de observar numerosos casos de abortos espontâneos. Constata-se, no entanto, que, salvo o conselho dados às mulheres magras para engordar, não se encontram traços de uma verdadeira terapêutica. Trata-se mais de prevenir por contra-indicação, do que de remediar diante de uma condição materna doentia. Simplesmente, não se sabia como evitar o aborto. Aliás, o próprio médico confessa sua impotência: “As mulheres também não devem se espantar com o aborto involuntário; pois se precisa de muita precaução e conhecimento para levar o feto até o fim, nutri-lo no útero, e trazê-lo ao mundo no parto”<sup>31</sup>.

*O único método contraceptivo: o coito interrompido*

Em seu estudo de 1965, sobre as práticas contraceptivas no Império romano, K. Hopkins declarava que faltavam evidências da prática do coito interrompido nas fontes gregas e romanas<sup>32</sup>. Concluía que, por falta de provas, não nos atrevemos a afirmar que este método de contracepção fosse amplamente conhecido e praticado durante a Antigüidade clássica. Entretanto, passados menos de dez anos, foi publicado pela primeira vez<sup>33</sup> um papiro contendo fragmento de um poema de sedução de Arquíloco<sup>34</sup>. Nesse poema, um jovem tenta persuadir uma moça a fazer amor com ele. Ele sugere alguma coisa “fora da coisa divina”. Ele lhe promete “agir seguindo suas ordens, rigorosamente” e que “se agarrará à sua erva do jardim”. Tratam-se não somente de termos persuasivos, mas, em sua narrativa, no ponto culminante do encontro, ele declara: “Depois de ter acariciado todo seu corpo, ejaculei minha força branca, tocando seus loiros (pelos pubianos?).” O jovem do poema ejaculava então fora da vagina da moça. O poema, então, adquiriu logo força de prova evidente da prática contraceptiva do coito interrompido<sup>35</sup>.

O grande mérito do estudo de K. Hopkins era chamar a atenção sobre a confusão profunda dos autores hipocráticos a respeito do processo de concepção. Essa confusão decorre de uma imprecisão entre os contraceptivos e os abortivos iniciais (no começo da gravidez), mesmo em um autor tão minucioso como Soranos. Todavia, a pesquisa de K. Hopkins não leva em consideração o fato de que as teorias greco-romanas da concepção conferiam importância considerável à “entrega” rápida e potente da semente masculina, introduzida com profundidade no interior do corpo da mulher<sup>36</sup>. Os Hipocráticos prestavam grande atenção na abertura e na direitura/retitude do caminho que vai até o útero da mulher, da boca vaginal à boca uterina: “A principal causa da esterilidade das mulheres é que, se o orifício uterino for completamente desviado da direção das partes genitais, a mulher não engravida”<sup>37</sup>. Além disso, supunha-se que as mulheres soubessem quando a concepção acontecia, pois elas ficavam secas após um relacionamento bem sucedido<sup>38</sup>. Estar seca era um sinal, para a mulher, de que a semente tinha atingido seu útero e que a boca de seu útero estava fechada sobre a semente para a reter.

<sup>29</sup> Aforismas, 5.38 (L. IV, 545-547). Pode-se encontrar outros exemplos, como em Epidemias, 2.1.6 (L. V, 76-77) e Doenças de mulheres, 1.27 (L. VIII, 70-71): “Quando, numa mulher grávida de sete ou oito meses, a plenitude dos mamilos e do ventre se abate subitamente, os mamilos se ressecam e o leite não aparece, dir-se-á que a criança está morta, ou, se ainda viva, que é débil.” O fenômeno examinado, pelo menos no que concerne aos seios, é ainda hoje considerado como um signo de morte fetal, observável somente nos abortos tardios.

<sup>30</sup> Soranos, 1.21.

<sup>31</sup> Doenças de mulheres, 1.25 (L. VIII, 66).

<sup>32</sup> HOPKINS, K. “Contraception in the Roman Empire.”, CSSH 8, 1965-1966, 124-151.

<sup>33</sup> Papyrusammlung of the Universität Köln (P. Köln, II.58).

<sup>34</sup> Cf. HANSON, A. E. “The logic of the gynecological prescriptions.”, in: Tratados hipocraticos, Ed. J. A. Lopez Perez, 1990, 240.

<sup>35</sup> LEFKOWITZ, M. R., FANT, M. B. Women’s life in Greece and Rome. Baltimore, 1982, nº 104. POMEROY, S. Goddesses, whores, wives and slaves. Nova Iorque, 1975, 166-167.

<sup>36</sup> BYL, S. “L’etiologie de la stérilité féminine dans le corpus hippocratique.”, in: POTTER, P., MALONEY, G., DESAUTELS. (Editores) La maladie et les maladies dans la collection hippocratique. Quebec, 1990, 303-322.

<sup>37</sup> Mulheres estéreis, 213 (L. VIII, 408, 4-18).

<sup>38</sup> Natureza da criança, 13 (L. VII, 490, 6-7) e Mulheres estéreis, 220 (L. VIII, 424, 16-21).

Apesar de serem raros os casos, os homens também podiam ser acometidos de esterilidade, quando suas passagens genitais estivessem congestionadas como entre os meninos e os eunucos<sup>39</sup>. Julgava-se que as passagens espermáticas nos homens vinham do cérebro (como fonte do esperma), através da medula da espinha, até os testículos. Uma incisão atrás da orelha cortava o caminho e impedia ou interrompia a onda descendente da semente: o verbo “ejacular” era com frequência expresso, nos autores médicos e na literatura popular, por *ienai* e seus compostos ou por *ballein* e seus compostos. A ação descrita por estes dois verbos é potente e violenta. Soranos considerava que o “*apetite*” era um fator importante para promover a capacidade do homem para “ejacular” e projetar sua semente violentamente dentro do útero; sem “*apetite*” um homem não podia descarregar sua semente e uma mulher não podia conceber<sup>40</sup>. A noção de “*apetite*”, ou melhor, de desejo, é levada a seu paroxismo em Soranos: se uma mulher concebe depois de ter sido violada, esta é a prova de que ela experimentou desejo durante o ato sexual. Era somente uma determinação mental que a impedia de escutar seu desejo.

Na seção ginecológica dos *Aforismas*, uma mulher era definida como estéril quando “o lugar de acolhida” para a semente não era conveniente:

*As mulheres que têm o útero frio e denso não concebem; o mesmo acontece com aquelas que o têm úmido demais, pois nesse ambiente o esperma se destrói; tampouco concebem aquelas que pelo contrário o têm seco e ardente, pois o esperma é destruído pela falta de alimento; mas aquelas que o têm temperado na justa medida, entre esses extremos, aquelas sim são fecundas.*<sup>41</sup>

Paralelamente: “O mesmo acontece com os homens. Sendo o corpo frouxo, o pneuma se dissipa fora e não impulsiona a semente; sendo o corpo denso, o líquido não pode sair; sendo o corpo frio, a semente não se aquece o suficiente para se reunir em seu lugar (lugar que a deve receber); sendo o corpo quente, resulta no mesmo efeito”<sup>42</sup>. Em seu comentário dos *Aforismas*, Galeno aprovava a primeira assertiva sobre a esterilidade das mulheres; afirmava, no entanto, que a segunda, sobre os homens, era incompleta e pouco representativa dos médicos hipocráticos. Por exemplo, parecia não concordar com o fato de que tanto o frio quanto o calor impedissem a produção da semente masculina<sup>43</sup>. Conforme Galeno, o paralelo entre as esterilidades feminina e masculina não se sustenta, na medida em que a porosidade do corpo não é mencionada para as mulheres. Além disso, esse paralelo é falso quanto à pretendida porosidade do corpo dos homens: “Seus corpos sendo frouxos, o pneuma se dissipa fora, e não impulsiona a semente.” No entanto, um regime para promover a concepção, prescrito nas *Doenças de mulheres*, mostra também o interesse em preservar o *pneuma* no interior do homem, aconselhando-lhe a não comer antes do coito os seguintes alimentos: “alho, alho-poró, caldos de favas e de ervilha, néctar de silphion\* e tudo que for ventoso”<sup>44</sup>, todos esses ingredientes sendo, de uma forma ou de outra, “*evacuadores*”. De resto, um regime particular revigora o homem antes do relacionamento sexual, aconselhando-lhe consumir: “vinho puro e muito forte, evitando o vinho branco; deverá comer alimentos muito substanciais, não deverá tomar banhos quentes; estará com muita força e muita saúde; abster-se-á de alimentos inconvenientes ao objetivo”<sup>45</sup>. Entre esses alimentos inconvenientes, deve-se observar a menta que “*dissolve o esperma*”, que inibe as ereções e enfraquece o corpo”<sup>46</sup>.

Todavia, os médicos hipocráticos sugeriram o ato interrompido, prescrevendo uma série de movimentos efetuados pela mulher para não deixar o esperma penetrar. Dois textos do corpus hipocrático costumam ser considerados ambíguos, e até mesmo estranhos:

“Se, depois do coito, a mulher não deve conceber, o esperma proveniente dos dois (parceiros) costuma sair, quando a mulher o quer; se ele deve conceber, a semente não sai, permanecendo no útero”<sup>47</sup>. Ou ainda, mais adiante:

*Uma mulher que eu conhecia possuía uma dançarina de renome, que mantinha relações com homens; não convinha que ela engravidasse, para evitar a sua desvalorização. Essa dançarina tinha escutado aquilo que as mulheres comentam entre si: que, se uma mulher deve ficar grávida, o esperma não sai, ficando no útero.*<sup>48</sup>

<sup>39</sup> Natureza da criança, 2.1-2 (L. VII, 472, 5-18).

<sup>40</sup> Soranos, 1.37.

<sup>41</sup> Aforismas, 5.62 (L. VIII 554, 12).

<sup>42</sup> Aforismas, 5.63 (L. VIII 556, 2).

<sup>43</sup> Galeno, Hipp. Aph. Comentarium, XVII B, 869, 1-872.3, Kuhn.

\* Planta, de cujo néctar eram produzidos temperos e remédios.

<sup>44</sup> Doenças de mulheres, 1, 75 (L. VIII, 164, 20-166.2).

<sup>45</sup> Mulheres estérteis, 218 (L. VIII, 422, 18-22).

<sup>46</sup> Regime, 2, 54 (L. VI, 312, 8-13).

<sup>47</sup> Geração, 5, 1 (L. VII, 478, 1-10).

<sup>48</sup> Natureza da criança, 13.1 (L. VII, 490, 4-13).

Mas, da mesma forma: “As moças públicas o experimentam com freqüência: depois de ter relações com um homem, elas reconhecem quando estão grávidas; depois, elas provocam a morte, nelas, do embrião. Uma vez morto, ele cai como uma carne”<sup>49</sup>. Tudo isto parece bastante curioso, ao ponto que, observando bem a situação, o médico nesse caso dará à mulher, de forma explícita, o direito à última escolha. Por outro lado, nada é dito sobre a maneira de se operar. Soranos, de sua parte, dá a solução para o atordoado momento que sempre irromperá, no momento da ejaculação:

*No ponto culminante da relação, quando o homem está prestes a emitir a semente, a mulher deve bloquear sua respiração e se afastar ligeiramente, a fim de que a semente não seja ejaculada longe demais no interior do corpo do útero: ela deve se levantar imediatamente, agachar-se, provocar o espirro, limpar-se cuidadosamente ou ainda beber água fria.*<sup>50</sup>

O procedimento descrito é propriamente aquele do ato interrompido, mas o mais interessante é que a iniciativa recai sobre a mulher. Aliás, este método é encontrado somente sob o aspecto feminino. Talvez devamos ver aqui uma influência da prostituição, como sugere o texto hipocrático referente às “moças públicas”<sup>51</sup>. A eficiência deste método, inclusive, demanda uma mulher prevenida. De qualquer forma, uma iniciativa semelhante não surpreende, se conseguirmos escutar as vozes femininas, o que é bastante difícil, mas, por outro lado, permanece bastante surpreendente sob a pena de autores antigos masculinos. Isto viria a confirmar o poder de embargo feminino sobre a faculdade da geração.

Caso esta medida contraceptiva se mostrasse ineficaz, a literatura médica registrou também outros procedimentos a serem utilizados depois do coito, a fim de expulsar a semente indesejada e de fazer fluir a menstruação. Afora a separação temporária ou definitiva dos esposos, as práticas usadas são, pode-se dizer, meios de catástrofe: o coito interrompido, para escapar à concepção, ou o aborto, para escapar ao nascimento. É fato que as ginecologias do corpus hipocrático incitavam as mulheres à procriação, afirmando os efeitos positivos que engravidar repetidamente trazia à saúde, e sobretudo destacando os perigos inerentes ao emprego de abortivos fortes<sup>52</sup> e as dificuldades de concluir uma gravidez com sucesso<sup>53</sup>; todavia, forneceram também uma incrível farmacopéia. Os tratados ginecológicos regurgitam intermináveis listas de remédios combinando substâncias vegetais, animais e minerais, as mais familiares e as mais inesperadas possíveis. São receitas inumeráveis, o corpus hipocrático não contando com menos de 130. Essas receitas constituem um tipo de caderno de campo, de fichas técnicas de receitas que esses médicos compilaram junto às mulheres ao longo de seus deslocamentos. O número de receitas sugeriria também que nenhuma era verdadeiramente satisfatória.

#### *A panóplia de receitas*

De um ponto de vista técnico, não é proveitoso separar contraceptivos de abortivos. Eram muito ligados entre si. Soranos, aliás, nos aconselha sem dúvida o mais eficaz de todos: “Para evitar de ter que destruir o produto de uma concepção, vale muito mais a pena não conceber”<sup>54</sup>. As substâncias reputadas como espermicidas serão cotadas igualmente como feticidas; os agentes expulsivos agirão tanto sobre a semente como sobre o embrião. Então, inevitavelmente, encontraremos as mesmas receitas e as mesmas substâncias. Os próprios médicos e em particular Soranos reconhecem que os produtos empregados para expulsar a semente são igualmente aptos a matar o feto: “Essas receitas não são somente contraceptivas, pois elas fazem também abortar uma concepção já em curso”<sup>55</sup>. Da mesma forma, Oribase: “Remédios que expulsam o feto: digo que as mesmas poções e os mesmos pessários que enumeramos acima e que se destinam a provocar e a fazer fluir a menstruação, que eles também expulsam o feto; nós

<sup>49</sup> Carnes, 19.1 (L. VI, 312, 8-13).

<sup>50</sup> Soranos, 1.20.

<sup>51</sup> Sem dúvida, as práticas das prostitutas eram pouco divulgadas, uma vez que eram tidas como desonestas e chocantes; mas isso demandava das mulheres principal-mente um conhecimento de seus corpos e uma premeditação, da qual a maioria delas era com certeza incapaz.

<sup>52</sup> Doenças de mulheres, 2.67 (L. VIII, 140, 14-19): “Quando a mulher é afetada por uma grande ferida em seguida ao aborto ou quando o útero foi ulcerado por pessários amargos, o que acontece em vista tanto das práticas quanto dos tratamentos que as elas se administram.”

<sup>53</sup> Doenças de mulheres, 1.25 (L. VIII, 66, 15-68, 17).

<sup>54</sup> Soranos, 1, 20.

<sup>55</sup> Soranos, 1, 20.

nos servimos deles, então, quando queremos expulsar os embriões<sup>56</sup>. O essencial se resume tanto a expulsar (*ekhballein*) um produto interno, quanto a destruir (*phthorein*) um embrião vivo. E cada médico tem seus métodos próprios, que ele apresenta de maneira particular. O médico hipocrático dá suas indicações de forma confusa, seus discípulos se contentando em enumerar manobras e receitas sem outra forma de explicação; Soranos, pelo contrário, toma uma posição clara e firme. Segundo ele, de um lado, a maternidade é nefasta à mulher, tanto para seu equilíbrio físico quanto psíquico:

*É preciso dizer que há transtornos para as mulheres grávidas, cujo peso aumenta e ficam sujeitas ao 'pica'<sup>57</sup> (...) A gravidez acarreta o depreciação, a fraqueza, o envelhecimento prematuro (...). As sucessivas produções de crianças lhes esgotam a tal ponto, que elas se tornam incapazes de dar frutos todos os anos.<sup>58</sup>*

Por outro lado, é perigoso interromper tardiamente uma gravidez. Esses conselhos ordenam-se então em torno de dois princípios: evitar a maternidade e intervir o mais cedo possível. Soranos não obedece, no entanto, a uma idéia negativa da supressão da vida; muito pelo contrário, pensa com isso somente em salvaguardar a saúde e a vida da mulher. Assim, ele coloca um preço à vida da mãe e mesmo à qualidade desta, enquanto os hipocráticos silenciam sobre esta escolha, caso ela se apresente. Todavia, pode parecer estranho que, em seu quadro tão minucioso e completo, Soranos não faça nenhuma menção às manobras masculinas. Escrevendo para parteiras, destinadas portanto a atender somente a uma clientela feminina, ele sem dúvida não julgou útil abordar o problema do ponto de vista masculino. Ele parece conceder à mulher um papel e uma iniciativa importantes neste domínio, precisando pois que o ponto de vista masculino é tratado em sua obra *A higiene*, em que “trata de todas as formas possíveis do ato sexual e em particular daquelas que concernem o homem”, enquanto a obra *Doenças de mulheres*, concernente somente às mulheres, pois “trata exclusivamente da questão da procriação deliberada”, dá à mulher a responsabilidade pela decisão<sup>59</sup>.

Pode-se encontrar no corpus hipocrático toda uma lista de receitas à maneira de um catálogo. Em primeiro lugar, pode-se inventariar, assim, os *atokia*, com todas as fórmulas expulsivas que tinham em vista, como vimos, o papel de nossos contraceptivos modernos, como por exemplo:

*Na casa de uma mulher que eu conhecia, encontrava-se uma dançarina muito bem cotada que mantinha relações com os homens e que não deveria engravidar para não baixar seu preço. Certo dia, ela apercebeu-se de que sua semente não saía; ela contou a sua senhora e os boatos chegaram até mim. Em posse destas informações, lhe ordenei que pulasse de maneira que os calcanhares tocassem nas nádegas. Ela tinha pulado, então, sete vezes, quando a semente caiu no chão fazendo barulho.<sup>60</sup>*

Em segundo lugar, as receitas abortivas (*phthoria*), por exemplo: “Pegar o fígado recente de uma tartaruga marinha ainda viva, diluir no leite de mulher, embeber no óleo de íris e de vinho, depois aplicar”. Outra:

*Pegar folhas de sabugueiro fazer, cozer na água e beber, depois a mulher comerá couve fervida, alho-poró, funcho, anis, polvo e caranguejo. Ou ainda: pegar três óbulos do interior de uma abóbora, artemísia, um óbulo de incenso, pilar e misturar no mel, rolar na lã e aplicar no orifício do útero continuamente, dia e noite, durante cinco dias.<sup>61</sup>*

Os emenagogos (*emmenia*, *kinei*, ou *kathairei*), por exemplo:

*Pegue uma pitada de grão de leucoium, cinco ou seis bostas de cabra, misture em vinho de muito bom aroma. Então administre uma boa fumigação preparada com água e óleo e feita sobre um assento. Depois da fumigação dê a mistura para beber. Em seguida, lave a mulher e faça deitar; ela comerá couve e beberá o líquido liberado por seu cozimento.<sup>62</sup>*

<sup>56</sup> Orfbase, Coll. Med., livros incertos, 139.

<sup>57</sup> Soranos, 1.13. Designa-se com este termo o conjunto de problemas digestivos e alimentares da gravidez. O termo refere-se à doença caracterizada pelo apetite desmesurado por objetos não comestíveis. Cf. Infra, 3.3.4 C. Doenças da gravidez.

<sup>58</sup> Soranos, 1.13.

<sup>59</sup> No entanto, parece que existem sim as manobras masculinas, Dioscórides, *Matéria media*, 1, 105: “Unção da goma de cedro sobre o membro viril.” Um eco discreto, precisamos confessar ... o que não nos surpreende.

<sup>60</sup> *Natureza da criança*, 13 (L. VII, 490, 4-492, 13).

<sup>61</sup> *Doenças de mulheres*, 1.78.

<sup>62</sup> *Natureza da mulher*, 32.

Do mesmo modo, os purgativos uterinos (*katarterion uste-reôn*), como: “Mergulhe peônia no mel, óleo de rosa e perfume do Egito e aplique na lâ. Outro: Torre pêlos de lebre, dilua no vinho, ajunte mel cozido e água e faça tomar. A mulher se lavarã com água quente”<sup>63</sup>.

No fato de sua abundância, poder-se-ia ver, nessas prescrições, uma confusão irracional nascida do empirismo e da tradução irrefletida, enriquecida pela incessante contribuição de gerações sucessivas. Estamos na presença de uma extraordinária “polifarmácia”, tão desconcertante quanto é, por vezes, impossível localizar o pensamento médico que a justificava. Mas essa diversidade extrema, no detalhe, não impede aliás, no grau superior, a uniformidade e a monotonia, pois são no fundo sempre os mesmos tipos fundamentais de remédios que aparecem. Em todos estes preparados, largo uso é feito de plantas das mais variadas, bem como de seus produtos; mas também de insetos e de dejetos. Assim esta medicina não hesita em utilizar recursos inesgotáveis de um empirismo jamais pego de surpresa. Mas este é somente um de seus aspectos, pois ela possui também uma técnica fundada e racional. Mais do que no exercício do pensamento puro, a verdade está fundada num esforço minucioso de observação dos fatos. O médico não se contenta em recomendar a simples constatação dos fatos, ele preconiza já uma verdadeira experimentação. O pensamento médico torna-se científico.

Certamente, os pêlos de lebre, bem como o fígado recente de uma tartaruga ainda viva, parecem-nos completamente fantasiosos, e já o eram para os médicos antigos: “Alguns utilizam-se de amuletos, imaginando que eles têm um importante papel em matéria de antipatia; citemos entre eles os úteros de mulas ou cerume destes animais, além de muitas outras coisas, que se revelam decepcionantes em seus efeitos”<sup>64</sup>. Sua eficácia depende sem dúvida da fé que se deposita na qualidade do produto. Uma coisa é certa, são perfeitamente inofensivos e totalmente ineficazes. E sem dúvida, não significam nada sobre o plano médico. Por outro lado, caso se opere um reagrupamento de substâncias em grandes categorias de produtos, nota-se uma predominância muito clara de vermífugos, purgativos e emenagogos (substâncias que provocam a aparição da menstruação). São sobretudo o absinto, a artemísia, a mirra, panacéias, o poejo, a arruda, a gálbano e a romã. Ora, Trousseau, ainda no século XIX, relacionava precisamente os efeitos dessas substâncias: “As propriedades emenagogas e abortivas são comuns às substâncias energicamente purgativas”<sup>65</sup>.

Esses purgativos enérgicos, apesar de não serem especificamente abortivos, não eram inocentes: são violentos e seu uso em ginecologia é como um golpe certo, particularmente comprovado para o organismo feminino. Os emenagogos, tão copiosamente empregados, deviam efetivamente levar ao aborto. Nesta rubrica, apiol, arruda e mirra são certamente os mais eficazes, mas a que custo? Sabe-se hoje que esses produtos ácidos utilizados são tão eficazes quanto perigosos. São terríveis seus efeitos cáusticos sobre o ovo, bem como sobre o útero. À lesão local, pode-se somar o risco de uma infecção generalizada: sendo o útero o local de uma intensa vascularização, os diversos produtos penetram rapidamente na circulação geral. Podem atingir e lesar de forma irreversível o fígado, os rins e o cérebro<sup>66</sup>.

O perigo da intoxicação geral ocorre também no uso de poções. O objetivo de matar o feto é atingido, mas se mata a mãe com o mesmo golpe. De fato, encontram-se, entre essas receitas, substâncias peçonhentas, autênticos venenos. A esses fatores, soma-se ainda as infecções decorrentes das condições de higiene que envolviam essas manobras.

Entre as seqüelas possíveis, um outro perigo ameaça a saúde da mulher, perigo nem tão imediato quanto grave em suas conseqüências: caso a mulher escapar viva, é muito provável que ela se torne estéril. É um resultado que o médico hipocrático revela freqüentemente, inclusive intitulado uma de suas coletâneas como *Mulheres estéreis*; encontra-se também disseminado em outros escritos, apresentando diagnósticos sem solução: “Se o útero está muito ulcerado (...); por estes meios a mulher cura, mas não conceberá mais.” Ou ainda: “Mesmo que ela escape à morte, ela ficará estéril”<sup>67</sup>. “Se você desenvolver uma úlcera no orifício (uterino) após a inflamação, há que se recear que a mulher não possa mais ter nenhum filho.” Isto explica a preocupação constante dos médicos da Antigüidade em encontrar remédio para a esterilidade. Os mesmos que relatam largamente os procedimentos para limitar os nascimentos, tentam com a mesma minúcia combater a esterilidade, sem evocar a menor relação de causa e efeito entre esses dois fenômenos. E

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Soranos, 1.20. Mesmo que Soranos seja hostil a todas as formas de superstição, mesmo assim ele cita estes amuletos. Um útero de mula passa por contraceptivo porque a mula é estéril.

<sup>65</sup> TROUSSEAU, A., PIDOUX, H. *Traité de thérapeutique* 1. Paris, 1862, 772.

<sup>66</sup> DALSAE, J., DOURLIN-ROLLIER, A. M. *L'avortement*. Paris, 1970, 30-32.

<sup>67</sup> Doenças de mulheres, 1, 65 e 3. Ver também: Doenças de mulheres, 1, 67, 63, 85; 2, 131, 134. *Natureza da mulher*, 6-7, 14 e 21.

Soranos, ao aconselhar certos produtos abortivos, invoca as complicações digestivas, não observando eventuais reverberações ginecológicas: “Pensamos que esses preparados são antes de tudo nocivos, pois danificam e revolvem o estomado, congestionando a cabeça e provocando acidentes por simpatia”<sup>68</sup>. No entanto, o risco da esterilidade é certamente aquele ao qual às mulheres estão mais expostas.

Face às esterilidades, os médicos vêm-se muito desprovidos de recursos. Fumigações e pessários são usados de forma corrente, mas, afora alguns casos, sua pouca eficácia manifestava-se claramente. As plantas estrogênicas são de fato mal conhecidas e quase nunca utilizadas<sup>69</sup>. Em casos de infecção, os pessários podem até ser eficazes, porém corre-se freqüentemente o risco de se agravar o mal. As esterilidades que não curam espontaneamente têm, então, poucas chances de serem realmente tratadas por uma cura médica.

Então, não é surpreendente que o número de mulheres estéreis na Antigüidade tenha sido muito provavelmente superior à cifra atual. Três razões contam para isso: a ineficácia, no mínimo relativa, das terapias baseadas nas plantas ou nos meios de natureza quase mágica; o desconhecimento do ciclo ovariano, tornando inútil toda cura de esterilidade de origem hormonal; também o fato de que numerosas doenças, atualmente curáveis, não tinham cura na Antigüidade e podiam acarretar uma esterilidade, cuja causa escapava totalmente aos médicos antigos. Este é notadamente o caso da tuberculose, do diabetes, das carências alimentares. A única causa então reconhecida pelos médicos hipocráticos era a obesidade.

Além disso, sabe-se também que os períodos ótimos de concepção são, para os Hipocráticos, o extremo final e o começo do ciclo. Essas visões do problema não podem sequer permitir lutar contra a esterilidade com o máximo de eficácia. A respeito da panóplia de práticas dispensadas por estes médicos, que administram tanto o remédio das “boas senhoras” como aquele resultante da experiência científica, não é pouco dizer que um número significativo de mulheres deviam ser estéreis e sem dúvida muitas deviam ser consideradas incuráveis. Falta saber se muitas delas eram inicialmente estéreis e precisavam recorrer às terapias do médico, ou se elas se tornavam estéreis após terem enfrentado a sua farmacopéia e suas práticas abortivas e contraceptivas. Sem sombra de dúvida, um pouco dos dois, de modo que a amplitude do problema tornava-se dez vezes maior. A importância das esterilidades aparece, então, como um dos elementos principais da demografia antiga. Além das esterilidades, é necessário levar em conta os dados da obstetrícia grega. Uma observação parece-nos essencial: os abortos espontâneos eram numerosos. Evidentemente, é difícil estimar o seu número. Entre os 76 casos de mulheres conhecidos nas *Epidemias*, 4 são vítimas de abortos únicos ou repetidos, ou seja, em torno de 5%. Essa cifra não pode servir de base para cálculo algum, mas evidencia que tais casos não eram raros. Do mesmo modo, nas *Doenças de Mulheres*, os abortos são citados com freqüência, considerados como habituais. Mesmo o caso de mulheres que abortam várias vezes em seqüência é citado como “não raro”<sup>70</sup>. O número de concepções devia ser, por conseguinte, muito superior ao número de nascimentos.

A riqueza da panóplia abortiva e contraceptiva faz temer graves conseqüências sobre a demografia feminina. As conseqüências imediatas e distantes, diretas ou indiretas, decorrentes destas técnicas, tanto sobre a vida quanto sobre a fecundidade das mulheres, devem ter suscitado igualmente reações. Nós as ignoramos. Pode-se avaliar a dimensão deste perigo? É relativamente disseminado? Ou será que o emprego restrito de receitas mantinha a maioria das mulheres protegidas, atingindo ele somente a fração mais “exposta” da população feminina?

É ainda entre os médicos que devemos procurar elementos de uma resposta. Com efeito, se a patologia que eles descreviam parece distanciada e sem relação com os temores suscitados pelo uso das substâncias evocadas, poderíamos concluir que havia uma fraca disseminação das técnicas recenseadas. Por outro lado, se a patologia se revela catastrófica, reflexo de seqüelas enfrentadas, poderíamos, em parte, debitar a miséria demográfica feminina na conta das técnicas abortivas e contraceptivas. Sem dúvida, essa é uma resposta a ser procurada no lado das mulheres, sempre mudas. Uma coisa é certa, as mulheres morriam certamente no parto, mas também morriam por não poder dar à luz e com certeza por não querer gerar filhos.

*ABSTRACT:* Greek women from the classical period were seen only in function of their uterus, of their capacity of generating, of giving

<sup>68</sup> Soranos, 1, 20.

<sup>69</sup> *Doenças de mulheres*, 1, 23 (L. VIII, 62): Apesar de não serem apresentados como tais, as folhas de louro em infusão ou então o cominho são também utilizados. Esses tratamentos são justificados por serem estrogênicos. Utilizam-se casca de romã no pessário ou alume do Egito, os quais se mostram ineficazes.

<sup>70</sup> *Mulheres estéreis*, 238 (L. VIII, 452).

birth to children to men. Reproduction is a duty, the only possible social role for them in the city. But this child is often undersired. Therefore, doctors and biologist from the 5th and 4th century B. C., who treated female diseases, know and use contraceptive and abortive methods, sometimes curious, and often dangerous, to "make go away" this child that is unwanted. A number of recipes which is supported broadly in an empiricism, but which also expresses an underlying and rational technique: medical thought become scientific.

*KEY WORDS:* Antiquity, Greece, Woman, Medicine, Abortion, Contraception.